

meu caro Bruno:

O' agora agradeço o teu livro. Fico que me encetou a alma de alegria pelo ritmo novo que dá tua poesia simples e chistada de beleza.

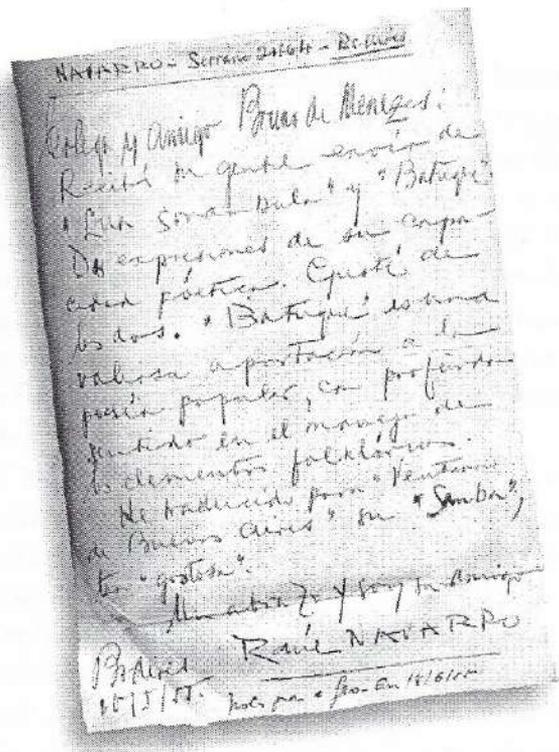
A gentura e o suspiro do teu verso - quer em tua Pátria, alma e ritmo da Pátria ou Pai João e ração da Pátria... exprimem a ansia do teu espírito sempre insatisfeito, nunca parado, em movimento, rebelde mesmo, a crugheando uma outra poesia que vive dentro de ti, maior do que Bateque, grande, admirável: a poesia profundamente ferma, luminosa, que luta e que vive, a poesia universal de Preciso, sem limites e sem feições, orgulho da tua sensibilidade, a eterna poesia que é o ideal da vida espiritual. Vida espiritual que tem a ~~largura~~ liberdade de nuhar, de bruar, em "noças de meditação", como dizia o velho Anatóle, o caminho, o verdadeiro caminho da essência e da inteligência.

Oceita Bruno o meu abraço pelo Bateque. Quero te dar outro grande abraço por outro livro que está boicando... Não para ficar Preciso nos exaltar de alegria. Sejamos, porém, pela beleza!

Outro abraço de solidariedade pelo sangue da inteligência e do coração, que os teus amigos te ofereceram em a vitória junto do Bateque. Tu estava presente. Lutaste?

Aqui sempre teu.  
Amigo de Verdade,  
José Dumante

18/2/40



\* Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as origens intelectuais do modernismo na

Amazônia. Agradeço aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth, na UNICAMP, pela gentil acolhida e o auxílio no acesso aos periódicos anarquistas do Pará.

Também devo agradecer a Sidney Chalhoub, Cláudio Batalha, Benedito Nunes e Magda Ricci que leram uma versão primeira do que vai aqui expresso.

\*\* Doutor em História. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará.

<sup>1</sup>Alonso Rocha, "Bruno de Menezes: traços biográficos". In: Bruno de Menezes ou a sutileza da transição. Belém: Universidade Federal do Pará; Cejup, 1994, p.10.

## RUBRA POESIA

### Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923\*.

Aldrin Moura de Figueiredo\*\*

Entre 1923 e 1929, circulou na capital do Pará a revista *Belém-Nova*, consagrada pela crítica e pela história literária como o órgão divulgador do modernismo na Amazônia. Seu idealizador e primeiro diretor foi Bruno de Menezes (1893-1963), também considerado o autor da primeira obra com ares modernistas publicada na Amazônia – o livro de poemas *Bailado Lunar*, de 1924. Tomando como base esta cronologia da literatura paraense, procuro discutir o chamado período de formação intelectual e política do jovem Bruno de Menezes, entre 1913, quando estréia na imprensa, passando por 1920, quando lança seu primeiro livro – *Crucifixo*, até 1923, com o aparecimento de *Belém-Nova*. Diferentemente do que vem sendo atribuído a esse momento do poeta, busco aqui demonstrar que foi exatamente essa “primeira fase” anarquista que definiu a contínua produção do literato em seu conjunto e não como etapa de um trabalho imaturo e de rebeldia juvenil.

Bruno de Menezes era um jovem literato de origem modesta que, em 1923, completara 30 anos de idade. Sua formação profissional vinha de um passado duro como aprendiz de tipógrafo na Livraria Moderna, de Sabino Silva, “onde, como era de praxe àquela época, sofria vexatórios castigos impostos por Manoel Costa”, seu chefe<sup>1</sup>. O dia-a-dia da gráfica, no entanto, tinha um revés que o marcaria fortemente. Foi lá que conheceu a obra de

Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928), Liev Tolstói (1828-1910), Maksim Gorki (1860-1904), Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e toda uma linhagem respeitável de autores reverenciados no universo anarquista. A adesão a essa literatura foi mais ou menos imediata. Entre os funcionários e outros aprendizes da casa, tomou conhecimento da *Cooperativa Tipográfica*, uma sociedade de classe que reunia os trabalhadores empregados nas oficinas gráficas da cidade. Dessa convivência foi um passo para o ingresso no sindicalismo. Daí em diante, por volta de 1913, Bruno abandonou a profissão, passando a dar aulas de primeiras letras na Escola Francisco Ferrer, fundada pela *Federação das Classes Trabalhadoras no Pará*, em homenagem ao famoso educador anarquista espanhol que havia sido fuzilado na prisão em 1909, em Barcelona<sup>2</sup>. Essa federação era o órgão sindical que, então, agrupava a maior parte das sociedades de classe, inclusive a dos tipógrafos. Foi como professor que Bruno de Menezes começou, de fato, sua militância no anarquismo sindicalista. Entre 1916 e 1920, travou uma relação muito próxima com dois grupos muito importantes na organização do movimento operário no Pará: os anarco-comunistas e os anarquistas sindicalistas. O primeiro grupo, influenciado especialmente por leituras do russo Petr Kropotkin (1842-1921), dos franceses Élisée Réclus (1830-1905) e Jean Grave (1854-1939), e do italiano Errico Malatesta (1853-1932), fundou em 1918, o *Partido Comunista do Pará*, tendo à frente o grupo político *Os semeadores*. Em 1919, criaram o jornal *O Semeador*, sub-intitulado *órgão de propaganda sociológica*, com o objetivo de divulgar o triunfo da revolução e “derrotar toda a democracia falsa”, que então dirigia “as duas Américas”<sup>3</sup>. Diferentemente dos comunistas, os anarquistas sindicalistas voltaram-se mais para o engajamento dos militantes nas organizações sindicais e no movimento operário, participando ativamente na criação da *Federação das Classes Trabalhadoras do Pará*, fundada no rescaldo da greve geral anarquista ocorrida em 1917<sup>4</sup>. Em 1920, esse grupo criou a gazeta *A Voz do Trabalhador*, o órgão de propaganda da federação trabalhista.

Literatura e revolução foram, portanto, no pensamento do jovem Bruno de Menezes, faces de uma mesma moeda. Antes mesmo de publicar na imprensa anarquista, sua iniciação poética em jornais literários já revelava esse aspecto do engajamento político que iria sobressair na militância dos anos seguintes. Tarde para os padrões da época, sua estréia ocorreu em 1913, quando Bruno tinha 20 anos de idade, com o poema “O operário”, no jornal *O Martelo*, editado por mais uma entre as várias sociedades de jovens literatos que apareceram nas duas primeiras décadas do século XX – a *Academia dos Poetas Paraenses*, que se reunia na casa de Lucilo Fender<sup>5</sup>. No ano seguinte, colaborou com Eurico Cavalcanti e Ernesto Cruz, na redação de *A Paz*, uma gazeta literária que, em seu primeiro número, trazia uma proposta diferente: lutar contra todos os tipos de violências e perturbações sociais, desde o “conflito íntimo entre as pessoas”, passando pelas “hostilidades sociais” até à amplitude da “guerra – razão de ser dos países beligerantes que se encontram à beira de um colapso internacional”<sup>6</sup>. O interessante é que, no mês seguinte, explodiria a Primeira Guerra Mundial,

<sup>2</sup> Entre 1909, quando da morte de Ferrer, e 1923, com o nascimento de Belém Nova, uma vastíssima literatura sobre a vida e a obra de Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) circulou no Pará, em diversas línguas, do catalão ao inglês, destacando tanto sua obra pedagógica e libertária quanto o próprio processo que o levou à prisão e ao fuzilamento sob a acusação de mentor intelectual dos movimentos grevistas na Espanha. Vide entre os livros que aparecem citados nos periódicos anarquistas do Pará e nas anotações de época, Léon Lagavre, *Un crime social: l'assassinat de Francisco Ferrer*. Paris: M. Rivière, 1909; Joseph McCabe, *The martyrdom of Ferrer, being a true account of his life and work*. London, Watts & co., 1909; Leonard D. Abbott (ed.), *Francisco Ferrer; his life, work and martyrdom, with messages written especially for this brochure by Ernst Haeckel, Maxim Gorky, Edward Carpenter, Havelock Ellis, Jack London and others*. New York, Francisco Ferrer Association, 1910; Pedro Sangro y Ros de Olano, *La sombra de Ferrer de la semana trágica a la guerra europea*. Madrid: Sobrinos de la sucesora de M. Minuesa de los Ríos, 1917; e Alphonse Lagan, *Francisco Ferrer, un précurseur du bolchevisme: sa vie et son oeuvre: étude critique*. Paris: Procure Générale, 1921.

<sup>3</sup> Bruno de Menezes, "Revolução". O Semeador n.27. Belém, 6 de dezembro de 1919, p.1.

<sup>4</sup> Sobre esse movimento no plano nacional, vide Cristina Lopreato, O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917. São Paulo: Annablume, 2000 e, sobre o movimento operário nesse contexto, Cláudio Batalha, O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>5</sup> Bruno de Menezes, "O operário". O Martelo. Belém, 1 de maio de 1913, p.1.

<sup>6</sup> "Editorial". A Paz. Belém, 13 de maio de 1914.

<sup>7</sup> "Avante". O Leão do Norte. Belém, 20 de junho de 1914.

<sup>8</sup> Bruno de Menezes, "Da mulher operária I". O Semeador. n.28. Belém, 12 de dezembro de 1919, p.2.

<sup>9</sup> Idem, ibidem. Referência ao livro de Iakov Aleksandrovich Novikov, L'franchissement de la femme. Paris: F. Alcan, 1903, cuja tradução francesa foi lida por Bruno de Menezes.

<sup>10</sup> Bruno de Menezes, "Da mulher operária II". O Semeador. n.29. Belém, 18 de dezembro de 1919, p.2.

<sup>11</sup> Idem, ibidem.

<sup>12</sup> Idem, ibidem.

<sup>13</sup> Bruno de Menezes, "Da mulher operária III". O Semeador. n.30. Belém, 24 de dezembro de 1919, p.2.

algo que repercutiria com muita força nos propósitos intelectuais e libertários de toda essa geração. O peso das notícias e dos desdobramentos da guerra serviram para tornar o pensamento de Bruno de Menezes profundamente ambíguo, quando o poeta defendia a necessidade do combate, da luta, da guerra para se chegar à paz, à harmonia, à concórdia. Essa perspectiva revelou-se de pronto na militância literária. Nos anos que seguiram, Bruno de Menezes iria engajar-se na luta proletária, ocupando um lugar destaque na imprensa da época. Ainda em 1914, participou do lançamento d'O *Leão do Norte*, fundado por Bellarmino Souza, com a intenção de "defender a classe operária"<sup>7</sup>. Bruno, no entanto, jamais ficaria preso à redação de uma gazeta.

Em 1919, ao lado de Ernani Vieira, futuro companheiro na *Associação dos Novos* e na revista *Belém Nova*, Bruno proferiu várias palestras em sindicatos e clubes beneficentes de trabalhadores. Uma dessas conferências, *Da mulher operária*, pronunciada na sede da *União dos Chauffeurs*, ficaria célebre, sendo publicada na íntegra n'O *Semeador*, em dezembro de 1919. Criticava um certo feminismo que se interessava apenas pelas "grandes mulheres"<sup>8</sup>, desprezando o anonimato "daquelas que fabricam, que manipulam, que não têm dotes, sem outra riqueza que uma virtude pura e uma coragem honesta"<sup>9</sup>. Influenciado pela literatura russa, citando Iakov A. Novikov (1849-1912), preferia ocupar-se daquelas mulheres "que são acorrentadas a uma guiljeta até morrer"<sup>9</sup>. Arguto na condução de uma platéia, composta especialmente de professoras, trabalhadoras fabris ou donas de casa acompanhando seus maridos, o poeta louvava o interesse feminino pela educação, citando nomes insuspeitos para o movimento operário, como Rosa Luxemburgo ou ainda Catarina Breschkosky, "cognominada a avó da revolução russa"<sup>10</sup>. Já com fama de intelectual afeito às modernidades literárias, Bruno de Menezes, no entanto fazia severas críticas ao consumismo feminino baseado no que vinha de Paris.

"Agora, (eu peço me perdoem as companheiras se laborar n'algum erro), vamos tratar do luxo supérfluo, caro, berrante, sem bom gosto, baseado somente nos figurinos modernos que os grandes mestres dos ateliês e casas de modas para senhoras, lançam no mundanismo elegante desses anos sem outra preocupação que não seja a de dar saída aos grandes estoques de sedas falsificadas, que os armazéns deste artigo acumulam, e pois vão imprimindo às mulheres que, infelizmente, não conhecem a *peça* e compram pela cor, o tecido, a grossura, e não pela qualidade"<sup>11</sup>.

A aparente futilidade da moda escondia, no entanto, algo muito mais grave: a exploração do trabalho. O poeta criticava o fascínio exercido por produtos destinados apenas ao consumo burguês, seguindo padrões impostos pela tirania da moda, numa forma de "exibição, onde vai sacrificada muita força produtora, de muitos braços humanos"<sup>12</sup>. A recomendação era que a mulher operária não confundisse "luxo com bom gosto, arte em vestir-se, com ademanes em mostrar-se, boa combinação em cores, com riqueza em babados *point a jour*"<sup>13</sup>. Assim como o

anarquismo bradava contra os uniformes nas fábricas, também lutava contra essa “pantomima” em que muitas mulheres tomavam parte inconscientemente, incorporando essa “camuflagem” forçada pela moda<sup>14</sup>. Embora o tema fosse extenso demais, Bruno tinha que tratar de muitas outras questões, e não fez por menos, dando atenção especial à participação política da mulher na sociedade contemporânea. O recado mais importante, e que deveria ser “transmitido a todas companheiras não presentes”, era exatamente o da afirmação da identidade da mulher operária, “lutadora, liberta da escravatura social”<sup>15</sup>.

Se o tema da emancipação feminina era importante para a cultura anarquista, existiam outros mais urgentes que também freqüentavam as conferências. Em 17 de janeiro de 1920, Bruno de Menezes esteve na sede da *União dos Operários Sapateiros*, discursando sobre a repressão política, a violência policial e as perseguições enfrentadas pelo movimento operário no Brasil e no Pará. Assumindo um certo ar professoral, o literato discutiu a necessidade da organização dos trabalhadores para poder discordar argumentos firmes da “organização sociológica burguesa”, representada pela “governança ditatorial” da república brasileira. Bruno lembrava que a existência de “sediciosos” não era novidade em terras paraenses, pois muito antes outros “revolucionários” tentaram por fim ao jugo a que estavam submetidos, tomando finalmente consciência de que eram “partidários da classe espezinhada”. Faltava, entretanto, falar mais sobre o assunto, como se fazia em países onde “a ignorância das massas” não era completa. O Pará já estava farto da estreiteza dos “jecas-tatus”, mas também não precisava de “civilizados”, que só discutiam idéias “nas bancas dos cafés e nas portas dos cinemas”<sup>16</sup>. Criticando o diletantismo intelectual, Bruno chamava a atenção para os anarquistas presos pelo regime das “democracias pessoais” e pela força do discurso da Igreja. “Ah! Marques de Pombal, tu que foste o mais ferrenho inimigo da padralhada...”, rememorava com ironia o literato<sup>17</sup>.

Apesar de ferrenho na militância anarquista e crítico voraz da cúpula eclesiástica, Bruno era católico praticante. Enquanto publicava textos incendiários incitando a greve como a principal arma na mão dos trabalhadores contra o patronato<sup>18</sup> ou mostrando a importância da organização sindical na vida da “família proletária” paraense<sup>19</sup>, lançava seu primeiro livro de poemas intitulado *Crucifixo*. Na obra, contudo, não havia lugar para a religião institucionalizada, para as gestas clericais e os ranços dos catecismos. Com ascendência no simbolismo de Cruz e Sousa (1861-1898), o poeta negro muito reverenciado por Bruno, o conjunto de poemas apresentava uma visão introspectiva do universo, sob um ponto de vista pessoal, humano e terreno. As lutas sociais de sua experiência anarquista misturavam-se à trajetória de um Cristo também revolucionário, sofredor, rejeitado por suas idéias:

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*. Para uma leitura do idário de resistência anarquista a essa tentativa imposição cultural, ver Margareth Rago, *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>15</sup> Bruno de Menezes, “Da mulher operária IV”. *O Semeador*. n.31. Belém, 30 de dezembro de 1919, p.2. Sobre a vida operária fora dos momentos de mobilização, ver Maria Auxiliadora Decca, *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>16</sup> Bruno de Menezes, “Prisões, castigos, expulsões I”. *O Semeador*. n.35. Belém, 27 de janeiro de 1920, p.1.

<sup>17</sup> Bruno de Menezes, “Prisões, castigos, expulsões II”. *O Semeador*. n.36. Belém, 4 de fevereiro de 1920, p.1. Essa utopia revestida em mobilização, em São Paulo e Rio de Janeiro, foi analisada por Cristina Campos, *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Pontes, 1988.

<sup>18</sup> Bruno de Menezes, “Greves sempre”. *O Semeador*. n.31. Belém, 17 de janeiro de 1920, p.2.

<sup>19</sup> Bruno de Menezes, “Sejais sindicalistas”. *A Voz do Trabalhador*. n.3. Belém, 15 de maio de 1920, p.1.

*“Há quanto tempo que a tragédia é a mesma!*  
Todo poeta é um Homem-Deus, – incompreendido.  
A espiritualidade é pobre lesma.

Jesus! Morto na Cruz em que foi fixo...  
- Se este símbolo é a Dor de um bem perdido,  
*sei que eu e tu somos um Crucifixo*”<sup>20</sup>.

Bruno apostava na poesia como expressão da subjetividade, numa espécie de reencontro com o mundo interior de si mesmo. E os símbolos eram o caminho para se atingir os substratos mais profundos da mente humana, fosse aparentemente inconsciente ou irracional. “O crucifixo é um símbolo”, afirmava, e “para os poetas, no mundo há sempre uma cruz do ideal, da perfeição, samaritana”<sup>21</sup>. Os símbolos da religião lhe pareciam análogos aos da luta operária: “o pavilhão da cruz” era vermelho<sup>22</sup> e o próprio Cristo era sempre um “idealista”<sup>23</sup> em busca de um sonho. Está, certamente, na religião grande parte do pensamento radical de Bruno de Menezes, num processo em muitos aspectos semelhante aos analisados por Christopher Hill e E. P. Thompson, a respeito dos movimentos revolucionários do século XVII e para a própria organização do movimento operário inglês no século XIX<sup>24</sup>. Nesse primeiro livro, Bruno de Menezes começava a construir sua própria gramática psicológica, tentando, de certo modo, burlar a gramática padrão. Aqui há certamente o interesse de exprimir em versos suas propostas estéticas, porém eivadas de conteúdo político. Isso tudo demonstra as incertezas do poeta em filiar-se a esta ou aquela escola literária, apesar do que sustentaram seus críticos. Mesmo sob a nítida influência do simbolismo, o poeta não estava “preso” a nenhum cânone e muito menos estava a espera de “um sopro de mudanças que viria pela frente”, como insistiu João Carlos Pereira, em artigo à guisa de introdução às obras completas do poeta<sup>25</sup>.

Se a imagem do sofrimento humano estava mais do que exposta na simbologia de um Cristo libertário e anarquista não seria de se estranhar que outras versões religiosas emergissem do pensamento literário de Bruno de Menezes. Ao lado do sofrimento de Deus-homem, do homem-físico, de uma santidade terrena, temos ao mesmo tempo a imagem da mulher-mãe sofredora, simbolizada no rosto da “Virgem consoladora”, da “Mãe amantíssima”<sup>26</sup>, expressão familiar da piedade suprema, de um tipo de auxílio que não se encontra no mundo-cão, no capitalismo, na luta pela sobrevivência sob a égide dos patrões. E se o Cristo estava na vanguarda pelas mãos do literato, o que dizer de sua poesia avulsa que, naqueles dias, reclamava pela arte nova.

*“Eu quero um’Arte original...  
Daí esta insatisfação da minha Musa!  
Ânsias de ineditismo que eu não vi  
E vulgo material inda não usa!”*<sup>27</sup>

<sup>20</sup> Bruno de Menezes, “Crucifixo”. In: *Crucifixo*. Belém: s. ed., 1920, p.5.

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>22</sup> Bruno de Menezes, “O simbolo da fé”. In: *Crucifixo*, p.9.

<sup>23</sup> Bruno de Menezes, “A eterna cruz”. In: *Crucifixo*, p.27.

<sup>24</sup> Cf. Christopher Hill, *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, e E. P. Thompson, *A formação da classe operária na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, especialmente o volume 2: *A maldição de Adão, sobre o papel do metodismo na origem do operariado inglês*.

<sup>25</sup> Cf. João Carlos Pereira, “Bruno, a poesia”. In: Bruno de Menezes, *Obras completas*. Belém: Secult, 1993, v.1, p.15.

<sup>26</sup> Bruno de Menezes, “Divinas lágrimas”. Belém Nova. n.1. Belém, 15 de setembro de 1923.

<sup>27</sup> Bruno de Menezes, “Arte Nova”. Estado do Pará. Belém, 13 de fevereiro de 1920, p.3.

Afastando-se da idéia de uma ruptura com qualquer forma de passadismo na poesia de Bruno de Menezes, Francisco Paulo Mendes foi preciso ao perceber nesse “pressentimento estético” do poeta uma clara expressão de sua “modernidade”<sup>28</sup>. Aí estava seu desejo de ineditismo da poesia: “gloriosa um’Arte que os ideais renova, razão porque eu me requinto na extravagância de uma imagem noval”<sup>29</sup>. Mas a busca da novidade estava longe de ser um privilégio de Bruno de Menezes. Peregrino Júnior, um dos participantes dessa efervescência nas primeiras décadas do século XX e que, em 1919, transferiu-se para o Rio de Janeiro, assim descreve a sua chegada na capital carioca, comparando com o que acontecia no Pará.

“Não experimento por conseguinte constrangimento de opinar sobre o modernismo e seus líderes. Aliás, eu era naquele tempo um simples estudante de medicina, recém-chegado do Pará, e trabalhava na imprensa para viver. Era um *rapaz de jornal*, como se dizia então. Mas trazia do Pará uma lembrança que me tornara o espírito receptivo, apesar da sua imaturidade, para a renovação literária que se tentava. Era a lembrança de um movimento de província, que o Rio desconhecia completamente e que fora anterior ao modernismo. Quero referir-me ao movimento do grupo da revista *Ephemeris*, chefiado por Lucídio Freitas, Tito Franco, Dejad de Mendonça, Alves de Souza, e que representou uma corajosa e afoita tentativa provinciana de renovação literária. Quem compulsar a coleção da *Ephemeris* – até materialmente original, discreta, diferente – verá que o grupo paraense merecia a atenção dos críticos e dos historiadores literários do nosso tempo. Esse movimento de resto, mostrava como as sementes do modernismo estavam soltas no ar, há longo tempo, esperando apenas condições adequadas para germinar e frutificar...”<sup>30</sup>.

Em 1921, por ocasião da morte precoce de Lucídio Freitas, Bruno de Menezes, sob pseudônimo, recordaria o papel daqueles jovens que, em 1916, apareceram com novas idéias sobre literatura e artes<sup>31</sup>. Mas a precocidade desses rapazes foi questionada por Joaquim Inojosa, testemunha correspondente em Pernambuco: “o grupo da revista *Ephemeris*, bem como o posterior *Academia ao ar livre*, jamais pensou em modernismo do que explodiria em São Paulo, em 1922”<sup>32</sup>. No entremeio de toda essa polêmica sobre as verdadeiras origens do modernismo brasileiro, sobressaem duas questões: primeiramente, a contenda mostra o quanto é frágil e problemática essa busca de encontrar um marco zero para o modernismo, seja no Pará, em São Paulo ou em qualquer paragem e, segundo, a conclusão de que o Pará, certamente como outras partes do país, pode, afinal, contar uma história própria, com anseios, valores e especificidades também únicos. Por mais que Peregrino Júnior, Joaquim Inojosa ou mesmo o próprio Bruno de Menezes acreditassem firmemente na gênese paulista, todos concordavam que existiram outras tentativas de renovação pelo Brasil afora. E isso certamente serve de alento ao historiador de hoje. A questão é que não nos interessa mais reificar o *happening* paulista e tampouco a larga mitologia construída e desconstruída em torno desse totem nacional. As histórias de Bruno de Menezes, suas

<sup>28</sup> Francisco Paulo Mendes, “Apresentação”. In: Bruno de Menezes, *Obras completas*. Belém: Secult, 1993, v.1, p.9.

<sup>29</sup> Bruno de Menezes, “Arte Nova”, p.3.

<sup>30</sup> Peregrino Júnior, *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: MEC, 1954, p.5-6.

<sup>31</sup> Berillo Marques (Bruno de Menezes), “Coroa votiva”. *A Semana*. n.164. Belém, 28 de maio de 1921.

<sup>32</sup> Joaquim Inojosa, “O movimento modernista no Norte”. In: Os Andrades e outros aspectos do modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.220.

experiências no anarquismo e seu ingresso no mundo das letras, perseguem uma outra história paralela àquela genealogia mais conhecida e que, sem a menor cerimônia, proclamou as inúmeras e diferentes histórias experimentadas no país como meras repercussões da Semana de Arte paulista<sup>33</sup>.

Os desdobramentos da militância política e literária de Bruno de Menezes depois de 1920 serão ainda mais convincentes para se compreender a lógica própria do modernismo que construía na Amazônia naquele momento. É a partir de então que vários grupos intelectuais, que se resvalavam no cenário paraense nas primeiras décadas do século XX, começam de fato a se intercomunicarem. Aqui, aparece a figura de Theodoro Braga, ativo intelectual, misto de artista plástico e historiador, deveras influente nas esferas políticas do Pará nas duas primeiras décadas do século XX. Enquanto Bruno militava nas grandes greves de trabalhadores de 1917-1918, o Sr. Braga assistia as passeatas de camarote, nos legando anotações preciosas a respeito. Também voltam à cena outros nomes respeitáveis dos círculos letrados de Belém no início do século XX, como Ignácio Moura, José Eustachio de Azevedo, Rocha Morcira, João Affonso do Nascimento e Augusto Meira. Todos, não obstante suas diferenças políticas tomaram parte no longo e trabalhoso processo de articulação dos grupos intelectuais em torno das efemérides da nação comemoradas no Pará, especialmente entre 1916 e 1923. Todos, de um modo geral, irão estimular e até mesmo colaborar com a consolidação da chamada nova geração literária. Muitas vezes estudados de modo estanque pelos historiadores, esses diálogos conflituosos entre gerações de intelectuais acabavam sendo fundamentais na atuação política do “novo” frente ao “antigo”, encadeando uma lógica própria ao exercício político de muitos militantes da geração de 1920. Expliquemo-nos então. Apesar da diversidade de significados que as vanguardas artísticas e literárias irão conseguir na Amazônia das primeiras décadas do século XX, é fundamental ter-se em mente que esses movimentos foram herdeiros e frutificaram da longa experiência da virada do século XIX, quando os intelectuais locais, em diálogo com o mundo estrangeiro, procuraram definir uma identidade nacional calçada no “resgate” do passado, da história dos tempos pretéritos – via de regra, ligada umbilicalmente ao universo europeu, como quis a geração de Theodoro Braga, por volta da década de 1900.

Mas o sonho de construir uma ponte entre a Europa e Amazônia foi sendo destruído com o próprio fim da *belle-époque* equatorial e a falência da exploração da goma elástica já nos fins da década de 1910. A partir daí, uma ideologia decadentista apossou-se de parte considerável da intelectualidade paraense, agora profundamente desconfiada de seu passado de glórias, nutrido e sustentado nas efemérides pátrias de então. Conscientes desse drama herdado dos mais velhos, os “novos” de 1920 promoveram uma verdadeira confrontação com o passado e com os valores outrora cultivados. A expressão *avant-garde*, surgida na França pela altura da Primeira Guerra Mundial, conservou entre os literatos paraenses a concepção bélica e libertária que a

<sup>33</sup> Esse entendimento está nas mais recentes apreciações sobre o evento de 1922. Ver especialmente, Vera Bastazin (org.), *A semana de arte moderna: esdobramentos, 1922-1992*. São Paulo: Educ, 1992 e também Maria Eugênia Boaventura, 22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos. São Paulo: Edusp, 2000.

caracterizaria entre os movimentos artísticos europeus. De um modo geral o alvo de luta parecia o mesmo do Velho Mundo: como lá, lutava-se aqui contra os preconceitos estéticos, os espartilhamentos acadêmicos, as normas estabelecidas e a inércia do gosto e da tradição. Bruno de Menezes e Ernani Vieira, militantes na imprensa anarquista, mesclaram vanguarda estética e conteúdo revolucionário. Edgar Proença e Lindolfo Mesquita optaram pela sátira política aos próprios movimentos estéticos que então abraçavam, como o futurismo e o ultraísmo. E assim se costurava a primeira geração literária do modernismo no Pará.

Em Belém, no entanto, apesar da convergência de propósitos, o campo de batalha seria muito diferente. Por cá, ao invés do drama da guerra, a geração de Bruno de Menezes assistiu atônita a construção de uma República que estava muito longe da ideologia de liberdade dos manuais escolares de Theodoro Braga (1872-1953). Impondo-se contra vários aspectos das oligarquias locais, os “novos” foram declarados antipatriotas, derrotistas e desertores da causa brasileira. Em poucos anos, passou-se em revista o recente passado republicano nacional, duvidando-se cada vez mais dos modelos de crescimento, progresso e modernização ambicionados para o país. O imperialismo foi tido e havido como uma das principais heranças dos governos centrais, senão a mais funesta. A presença forte dos bancos estrangeiros, principalmente ingleses, franceses e alemães, além das empresas concessionárias de serviços públicos de água, luz, comunicações e transportes, parecia a grande marca desse novo colonialismo vivido no Brasil. O antiimperialismo surgia tão forte que até mesmo a adesão aos movimentos de vanguarda europeus soava a alguns como sintoma dessa submissão que todos queriam combater.

A militância anarquista de Bruno de Menezes, no entanto, foi nexa decisivo na construção de sua veia poética e literária. Unindo liberdade estética e posicionamento político, o poeta resenhava na imprensa operária sua inserção na luta das classes trabalhadores do Pará. Alonso Rocha, biógrafo do poeta, recolheu alguns desses trechos, publicados entre 1915 e 1920. O que vem à tona é a imagem do homem de “mãos calosas”, parte do “poviléo da plebe”. Recuperando Karl Marx, bradava o poeta: “a única arma para suas reivindicações é o sindicalismo”<sup>34</sup>. Retomando as teses de Mikhail Alexandrovich Bakunin (1814-1876) sobre o sindicalismo operário, Bruno acreditava que “a coesão uma e indispensável nos espíritos das classes trabalhadores é a melhor arma de combate contra as convenções sociais, as especulações burguesas, a ganância patronal”<sup>35</sup>. Mas essa luta necessitava preservar o senso humanista, o lado poético da vida, a compaixão com o amigo próximo. Um sentimento de pertencimento de classe, de partilha de valores espirituais. Há um sentido religioso e revolucionário ao mesmo tempo: “Necessário se torna que o homem trabalhador erga a espécie, humanize o seu ser, levante o irmão que cai, torne-se invencível pela unidade de classe”. A associação de classe passa ao epicentro das preocupações do jovem poeta.

<sup>34</sup> Alonso Rocha, “Bruno de Menezes: traços biográficos”, p.11.

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*.

## A GERAÇÃO DO PEIXE FRITO

Bruno de Menezes, presidente da Academia Paraense de Letras, concedeu domingo uma magnífica entrevista ao suplemento literário de "A Província do Para".

O vitorioso poeta de "Barragem" fala de sua infância, de suas primeiras produções literárias, de seu primeiro livro, "Cantinhos", e da geração do Peixe Frito. Fala da geração de Bruno de Menezes, poeta que pertence a todas as gerações literárias do Para. Realizou produções em todas as escolas. E por isso mesmo é considerado um líder intelectual. E conserva uma simplicidade reconhecida, não se deixando empolgar pelas vitórias intelectuais que tem conquistado ("Barragem", em 4a. edição, com profusão internacional), sem pretensões que possa exultar, sem experimentado, como, por exemplo, a de Presidente da Academia Paraense de Letras, onde se tem conhecido com um espírito despiado de preferências.

A entrevista de Bruno de Menezes vale por uma página literária e pode servir de roteiro para um estudo que se queira fazer sobre a sua figura de escritor ou para que ele mesmo escreva as suas memórias.

Quando a entrevista, está uma fotografia feita quando Paulo, Jacques Flores, Paulo de Oliveira e outros eram autênticos brotos, quando Bruno, à sombra de João do Norte, escrevia várias semanas sobre o "outing" de João Alfredo e sobre o deslançamento de nossas patriotas, nos salões elegantes ou na quadra nazarena.

E sobre o traje da geração do peixe frito, que queremos aqui falar. Todos os escritores daquela época, 1920 e 1930, eram pobres, não tinham empregos definitivos, davam duro para viver. Basta dizer que ficaram conhecidos como a geração do peixe frito, cuja "poesia", aquela época, devia custar um tostão, se tanto, e no cambio negro... Mas eles procuravam se apresentar elegantemente trajados. Não desprecavam a gravata, nem o paletó. Eram poetas e homens, que se apresentavam em toda a parte e eram disputados nos centros elegantes. Hoje, tudo está se modificando. A sombra das dificuldades financeiras, os meios (frequentemente que os intelectuais pensam diferente) apesar do salário mínimo de hoje vão aos cinemas, aos teatros e lá em festas e até no Palácio do Governo de Belém, de camisa para fora da calça. E não são só os moços. Muitos pais de família, assim se vestem ao lado de suas esposas, ricamente vestidas, constituindo um contraste chocante.

A geração do peixe frito, com cachos nas pernas do Ferrito, lá em São Braz, era muito mais feliz do que a de hoje, do uisque contrabandeado com casquinhas de caranguejo...

Que os moços de hoje leiam a entrevista do Pai João e ahum...

para aquela fotografia e se convencem que o traje ainda faz a pessoa...

### PADRE LAUREADO

Mais um ministro de Deus vem de ser laureado pela Academia Paraense de Letras. Ano passado, foi o Padre Belchior Maia de Alade, que obteve o prêmio de poesia, com o seu livro inédito "Barragem", a sair brevemente, em edição de luxo, da Editora Fabengola.

Este ano, foi o conego Apio Campos, que conquistou o prêmio de conto, "Terencio Porto", pelo seu livro inédito "Olhos dentro da noite". Título com o qual não se pode muito o Levi Hall de Moura, que sempre encontra uma pedra no caminho que percorre a na estrada dos outros...

A decisão foi unânime da comissão julgadora. E o conego Apio deve estar satisfeito, pois recebendo uma laurea como contestista, conquistou também uma menção honrosa como poeta.

Era hora de abdicar dos "pequenos grupamentos em favor da reunião forte e unida dos sindicatos", embrião das "verdadeiras assembleias associativas". Do manifesto sindical ao cotidiano da jornada de trabalho, o poeta retrucava o capitalista: "Por que oito horas? Para o ouvido propositadamente mouco do patronato abjeto, são frases que lhe ferem o tímpano. Sim!, são necessárias oito horas para o bem comum do proletariado, da saúde e progresso da humanidade"<sup>36</sup>.

Esses textos, fragmentos da luta operária, são os testemunhos mais importantes da trajetória intelectual do jovem Bruno de Menezes. Em seu conjunto, revelam o campo doutrinário da militância política do literato. Pelo miúdo, o combate político transforma-se em experiência de classe, partilha de valores culturais, exercício estético e, principalmente, de crítica social. Fosse no entremeio dos pseudônimos, fosse nas lides do futebol do Remo ou ainda no sarcasmo da crítica literária, o poeta agrupou amigos e assumiu o "peixe-frito" com simbologia de uma literatura vinda de baixo. Dividiu páginas com o estigma de parceiros, como Antonio Tavernard e Ernani Vieira, que então lutavam o medo social da lepra. E, por fim, fundou e assumiu entre o modernismo como movimento. Antes de Bruno, alguns foram modernos, porém nenhum modernista. O movimento intelectual que assolou as letras nacionais nos anos 20, chegou a nós por meio de uma revista inventada pelo poeta. Bruno de Menezes inventou uma nova cidade — inventou *Belém Nova*, magazine, metrópole decadente, oficina de criação, testemunho das letras e, seguramente, o mais moderno dos capítulos do passado literário da Amazônia.

<sup>36</sup> Idem, ibidem.